

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA PARA JOVENS: OPORTUNIDADES E DESAFIOS

ENTREPRENEURIAL EDUCATION FOR TEENS: OPPORTUNITIES AND CHALLENGES

Denilson Aparecida Leite Freire^[14]

RESUMO:

Trata-se de um estudo que mostra a importância da educação empreendedora na inserção do jovem no mercado de trabalho brasileiro, através de uma revisão bibliográfica sistemática. A busca foi realizada em vários documentos, tendo a pesquisa GEM 2008, publicada em 2010, como documento base. Foram, também, consultadas outras fontes relacionadas ao assunto, como as da organização internacional do trabalho – OIT, instituto brasileiro da qualidade e produtividade – IBQP, instituto brasileiro de geografia e estatística - IBGE, entre outras. Não houve critérios de exclusão, todo material foi avaliado. O artigo revelou a necessidade de se pensar em uma nova política educacional voltada para a disseminação da cultura empreendedora nas escolas e universidades brasileiras na formação dos jovens, preparando-os não apenas para o emprego, mas tornando-o agentes capazes de transformar a sua realidade econômica e social.

Palavras-chave: Educação Empreendedora. Jovem Empreendedor. Empreendedorismo. Jovem e Relações de Trabalho.

ABSTRACT:

This is a study that shows the importance of entrepreneurship education in the insertion of young people in the Brazilian labor market, through a systematic literature review. The search was carried out in various documents, and the GEM 2008 research, published in 2010 as the base document. Were also consulted other sources related to the subject, such as the International Labour Organisation – O.I.T, the Brazilian Institute of Quality and Productivity - IBQP, Brazilian Institute of Geography and Statistics - IBGE, among others. There were no exclusion criteria, all material was evaluated. The article revealed the need to think of a new education policy aimed at spreading the entrepreneurial culture in Brazilian schools and universities in training young people, preparing them not just them for the job, but making the agents capable of transforming its economic and social reality.

Keywords: *Entrepreneurial Education. Young Entrepreneur. Entrepreneurship. Youth and Labor's Relations.*

introdução

Pode-se relacionar educação empreendedora com desenvolvimento. Segundo Dolabela (1999, p.30) “tudo leva a crer que o desenvolvimento econômico seja função

^[14] Mestre em Administração pela Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo; professor do curso de Administração do Centro Universitário Izabela Hendrix; e-mail: denilson.freire@metodistademinas.edu.br. Texto inédito.

do grau de empreendedorismo de uma comunidade”. Para ele, as condições que favorecem o desenvolvimento apontam para a formação de empreendedores que saibam aproveitar as oportunidades, uma vez que é o empreendedor o agente capaz de criar e alocar valores individuais e coletivos favorecendo o desenvolvimento.

Para o autor, faz-se necessário motivar e estimular, principalmente, os jovens a abrirem o seu próprio negócio ou terem atitudes empreendedoras na área que escolheram atuar, afinal o empreendedorismo não é apenas um processo, mas também uma atitude.

Contudo, Dolabela (1999) afirma que os valores resguardados pelo atual sistema educacional não apontam para o empreendedorismo, mas para a formação de profissionais que irão buscar emprego no mercado de trabalho.

Mas, o que se observa, a nível mundial é a diminuição do número de empregos, impactando, principalmente, na inserção dos jovens no mercado de trabalho. Segundo o relatório da O.I.T – Organização Internacional do Trabalho – “Tendências Mundiais de Emprego”, publicado em 2010 com os dados referentes a 2009, o número de jovens desempregados no mundo aumentou em 10,2 milhões em 2009, o maior aumento registrado desde 1991. Segundo a pesquisa mensal de emprego do IBGE (2010), a taxa de jovens é geralmente mais alta porque falta qualificação e experiência, dificultando a inserção no mercado de trabalho.

Com a restrição dos mercados, os jovens podem vislumbrar no empreendedorismo uma forma de conseguir uma oportunidade de trabalho. Contudo, como apontou a pesquisa do IBGE (2010) se os jovens não possuem a qualificação para a busca do emprego, será que os mesmos estão preparados para empreender?

Uma pesquisa realizada pelo GEM Brasil (2010)^[15] demonstrou que uma grande parte dos empreendedores nacionais, cerca de 90%, não participou de atividades educacionais relacionadas à abertura de negócios. A pesquisa afirma que “esse cenário mostra a tardia e morosa capacidade das instituições educacionais nacionais de adaptarem seus currículos às novas necessidades do mercado de trabalho.” GEM (2010, p. 112),

Outra questão importante é que dentre aqueles jovens que decidem abrir o seu negócio o fazem por necessidade ou por oportunidade? Segundo a definição do GEM

[15] A pesquisa GEM é uma pesquisa internacional, executada pelo Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) no Brasil. Foi estruturada como um instrumento de avaliação do papel do empreendedorismo como elemento propulsor do crescimento econômico. Utiliza-se de coletas anuais.

(2010), empreendedor por necessidade é aquele que é motivado pela falta de alternativa satisfatória de ocupação e renda. Já o empreendedor por oportunidade é aquele que percebe um nicho de mercado em potencial e tenta ocupá-lo

Este artigo propõe analisar a situação do jovem brasileiro em relação ao mercado de trabalho e as ações necessárias para capacitá-lo a empreender, através de uma revisão sistemática de literatura, utilizando-se do método denominado de Análise de Conteúdo. Este método, segundo Severino (2002), consiste em um conjunto de técnicas de análises que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores quantitativos ou qualitativos que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção dessas mensagens.

Para tanto, procedeu-se um detalhado levantamento bibliográfico das publicações científicas nacionais e internacionais sobre o tema, por meio de buscas nos bancos de dados do G.E.M (*Global Entrepreneurship Monitor*), da organização internacional do trabalho – O.I.T, instituto brasileiro da qualidade e produtividade – IBQP, instituto brasileiro de geografia e estatística - IBGE, entre outras, utilizando-se dos descritores: *jovem empreendedor, empreendedorismo juvenil, jovens e relações de trabalho*.

Para a fundamentação teórica deste trabalho são apresentados os construtos sobre o empreendedorismo nos dias atuais. Em seguida, aprofundam-se as reflexões a importância da Educação Empreendedora e, posteriormente, apresenta-se a metodologia utilizada, seguida da apresentação e discussão dos resultados e, finalmente, das considerações finais.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Empreendedorismo

Conceituar empreendedorismo é sempre um desafio para os pesquisadores. Baron e Shane (2007), afirmam que esse caminho é repleto de armadilhas traiçoeiras e para uma área nova como o empreendedorismo a tarefa se torna ainda mais complexa.

Como a comprovar a afirmação de Baron e Shane (2007) os autores divergem até na origem da palavra empreendedorismo. Para Barreto (1998), a expressão empreendedorismo foi traduzida da palavra inglesa *entrepreneurship*, que, por sua vez,

foi derivada do latim *imprehendere*, tendo seu correspondente empreender, surgido na língua portuguesa no século XV.

Para Dolabela (1999), o empreendedorismo é originado da tradução da palavra *entrepreneurship*, palavra francesa utilizada no início do século 12 e que designava aquele que incentiva brigas. Para ele, a partir do século 18, essa palavra passou a indicar o indivíduo que criava e conduzia projetos e empreendimentos, significando, hoje os estudos referentes ao empreendedor, ao seu perfil, os seus sistemas de atividades e seu universo de atuação.

Para Baran e Shane (2007, p.6) “não é de surpreender, então, que não exista atualmente um consenso sobre a definição de empreendedorismo como uma área de estudo dos negócios ou como uma atividade em que as pessoas se envolvem”.

Barreto (1998) define empreendedorismo como a habilidade de se conceber e estabelecer algo partindo de muito pouco ou quase nada. Para ele, a capacidade de empreender não é uma característica de personalidade, portando nata, mas sim um comportamento ou processo voltado para a criação e desenvolvimento de um negócio que objetiva resultados positivos. Nesta visão, o empreender configura-se na capacidade de criar valor através do desenvolvimento de um negócio.

Para Fillion (1999) o empreendedor é alguém que imagina, desenvolve e realiza suas visões. Para Dolabela (1999) essa conceituação demonstra com simplicidade o que é empreender, pois apresenta os elementos que compõem esse campo de estudo, ou seja a preocupação com seus sistema de atividades, analisando como o empreendedor realiza o seu empreendimento.

Fillion(1999) destaca o elemento visão como a principal capacidade do empreendedor, uma vez que é através dela que ocorre a identificação das oportunidades, exigindo, posteriormente, do empreendedor colocá-las em ação para efetivamente concluir o processo visionário.

Baron e Shane (2007) corroboram com as afirmações de Barreto (1998) e Fillion (1999) ao afirmarem que, dentre os conceitos atuais, aquele que vem ganhando mais aceitação, dentre os pesquisadores é o estruturado por Shane e Venkataraman (2000) que sugere que o empreendedorismo, como uma área de negócios, busca entender como surgem as oportunidades para a criação de algo novo; como essas são descobertas e criadas por indivíduos específicos que utilizam-se de meios para explorar e desenvolver tais potencialidades.

1.2 Empreendedorismo como Motor do Desenvolvimento Econômico

Para Baron e Shane (2007) existe relação entre o empreendedorismo e o desenvolvimento econômico. Segundo suas pesquisas, somente no Estados Unidos, a cada ano, mais de 600 mil novas empresas são abertas, número que para eles, duplicou nas ultimas décadas. Eles analisaram que, somente nos anos 90, as grandes corporações dos Estados Unidos cortaram mais de 6 milhões de empregos, contudo, a taxa de desemprego caiu nos níveis mais baixos registrados em função das novas empresas abertas por empreendedores.

Concluíram, também, que atualmente mais de 10 milhões de pessoas trabalham por conta própria nos Estados Unidos, correspondendo a aproximadamente uma em cada oito pessoas. E dentre as empresas abertas, o número daquelas empreendidas por mulheres e minorias aumentou em 168% entre 1987 a 1997, atingindo um total de 3,25 milhões de empresas, empregando mais de 4 milhões de pessoas e gerando cerca de 495 bilhões de receita.

Não resta dúvida, para eles, que o empreendedorismo, além de promover o desenvolvimento, favorece a inclusão social dos grupos minoritários, tais como negros, mulheres, tornando-se além de um instrumento econômico, um instrumento social.

Dolabela em 1999 já explicitava o poder do empreendedorismo também no desenvolvimento local. Para ele, a partir do anos 80, com o advento da globalização, do endividamento crescente dos governos e da concorrência, as grandes empresas passaram a produzir mais com menos empregados e os governos passaram a diminuir seus déficits através de cortes e redimensionamento do seu quadro de pessoal. Neste contextos as micro e pequenas empresas começaram a surgir como únicas fontes geradoras de emprego, que não mais se restringiram ao mercado regional, passando a competir, também, no internacional.

Contudo, tais empresas, para Dolabela (1999) possuem grande dependência da comunidade local, cujas parcerias são formadas baseadas em projetos e pessoas e não apenas em instituições, como fazem as grandes empresas.

Dessa forma, esses elementos tornam as micros e pequenas empresas o principal componente tanto para o desenvolvimento local quanto para o nacional.

1.3 A Educação Empreendedora

Dolabela (1999) afirma que a educação empreendedora no Brasil está apenas começando. Ele ressalta que o primeiro curso na área surgiu em 1981, na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo e que de lá para cá, várias universidades estão aderindo à cultura empreendedora, embora, o foco ainda continua a formação para o emprego.

Para ele, além desse foco, as universidades possuem uma outra característica que é a que o autor chama de “cultura da grande empresa” ou seja, quando são abordados assuntos empresariais em sala de aulas, esses são sempre relativos às grandes organizações, excluindo os relacionados aos pequenos negócios.

Contudo, diante da modernização das grandes empresas e da crescente oferta de mão de obra desempregada, tal modelo precisa ser repensado.

Dolabela (1999) aponta algumas razões para se disseminar a cultura empreendedora nas escolas e universidades:

- Auto realização: pesquisas indicam que o empreendedorismo oferece elevados graus de realização pessoal, aliando trabalho e prazer.
- Favorece a formação de líderes: mesmo que as condições ambientais sejam favoráveis à abertura de novos negócios, será através de sua liderança, capacidade e perfil que irá se disparar o processo de desenvolvimento.
- Apóia a formação de micro e pequenas empresas: através da reorientação dos estudos também para essas em detrimento das grandes empresas. Sabe-se que ao focar tais estudos, a escola se aproxima da realidade de muitos dos alunos, influenciando-os.
- Amplia a base tecnológica: as empresas de base tecnológicas surgiram no final da década de 20 como uma das principais forças econômicas. Pesquisadores, professores e alunos de universidades possuem potencial para criação de empreendimentos baseado no conhecimento.

- Resposta ao desemprego: demonstrando aos alunos que além dos grandes empregos (na maioria em declínio nas grandes corporações), existe a oportunidade da abertura de novos negócios.

Dessa forma, segundo Dolabela (1999) é preciso repensar os valores do ensino no Brasil, visando a disseminação da cultura empreendedor como um fator gerador de oportunidades e como promotor do desenvolvimento.

2 METODOLOGIA

O presente estudo foi baseado em uma pesquisa bibliográfica, utilizando-se da metodologia de revisão sistemática de literatura. Essa metodologia consiste em um importante recurso prático baseada em evidências. Segundo Sampaio e Mancini (2007) consiste em uma forma de síntese dos resultados de pesquisas relacionados a um problema específico.

Dentre os métodos de revisão sistemática, utilizou-se do proposto por Bardin (2000) denominado de **Análise de Conteúdo**, através técnica de Análise Temática, que consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem algo para o objeto analítico estudado.

Para Bardin (2000), a análise temática consiste na classificação, através da categorização de expressões-chave ou palavras significativas em função das quais o conteúdo pode ser organizado.

A pesquisa foi realizada tendo como documento base o relatório do GEM (2010) e outros encontrados em sites como: Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade – IBQP, Organização Internacional do Trabalho – OIT, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, entre outros. Nas buscas, os seguintes descritores, em língua portuguesa, foram considerados: “jovem”, “empreendedorismo”, “relações de trabalho”, “empreendedorismo de oportunidade”, “empreendedorismo de necessidade”.

3 APRESENTAÇÃO e DISCUSSÃO DOS DADOS

Um relatório organizado pela OIT em parceria com o Conselho Nacional de Juventude intitulado de "Trabalho Decente e Juventude no Brasil" em 2009, mostra que a taxa de desemprego entre jovens no Brasil é 3,2 vezes superior à registrada entre adultos. Por meio da análise de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2006 e atualizados em 2008, o levantamento constatou que o índice de desemprego entre brasileiros de 15 a 24 anos é de 17,8% em relação aos 22,2 milhões

de jovens economicamente ativos, ou seja, ocupados ou que procuram por uma oportunidade profissional.

Segundo a Organização Internacional de Trabalho – OIT, em seu relatório anual “Tendências Mundiais de Emprego”, em 2009, a taxa de desemprego juvenil em nível mundial aumentou em 1,6 ponto percentual e chegou a 13,4 por cento em comparação com 2007. O número de jovens desempregados no mundo aumentou em 10,2 milhões, o maior aumento registrado desde 1991, quando começou-se a computar este tipo de estatística em nível global.

O relatório demonstra que a taxa de desemprego entre os jovens é agravada por variáveis como sexo e raça. Entre as mulheres, a desocupação chega a 23%, porcentagem superior aos 13,8% observados entre os homens. Já entre os homens que se reconhecem como brancos, a taxa é de 18,7%, inferior à observada entre os que se dizem negros (23%).

Outro dado relevante do relatório demonstra que as maiores taxas de desocupação entre jovens estão nas Regiões Sudeste (20,3%), Centro-Oeste (17,7%) e Nordeste (16,7%). Quando levadas em conta as unidades da Federação, o desemprego juvenil é mais elevado no Rio de Janeiro (26%) e no Distrito Federal (25,6%). As menores taxas foram registradas no Piauí (8,6%) e em Santa Catarina (11,3%).

Além da maior incidência de desemprego entre os jovens, o relatório da OIT constatou que quase um terço dos profissionais da faixa etária entre 15 e 24 anos não têm carteira de trabalho assinada (31,4%). Enquanto a taxa de desemprego das pessoas com 25 anos ou mais subiu de 4,3% para 5,6% (alta de 32%), a dos jovens cresceu de 11,7% para 17,9% (alta de 53%). (CEPAL/PNUD/OIT, 2008), conforme pode ser visto no Quadro 1.

	1992	2006
Na população de 16 anos ou mais	26,3	23,1
Na população economicamente ativa de 16 anos ou mais	26,5	22,4
No total de ocupados de 16 anos ou mais	25,0	20,1
Taxa de participação dos jovens (PEA/PIA) de 16 a 24 anos	69,7	67,9
Jovens estudantes em % do total de jovens de 16 a 24 anos	30,7	42,3

Quadro 1 - Participação dos jovens de 16 a 24 anos no mercado de trabalho e no estudo – Brasil, 1992 e 2006 (em %)

Fonte: IBGE/PNAD (2008)

Segundo o relatório do GEM (2008), o Brasil ocupa a terceira posição no ranking mundial em termos de participação de jovens empreendedores (25%), sendo superado somente pelo Irã (29%) e pela Jamaica (28%).

O relatório indica que, dentre os países selecionados, tanto os da América Latina como os do BRICS^[16] também se destacam pela forte participação do jovem no empreendedorismo, mas com participações inferiores à do Brasil (Figura 2).

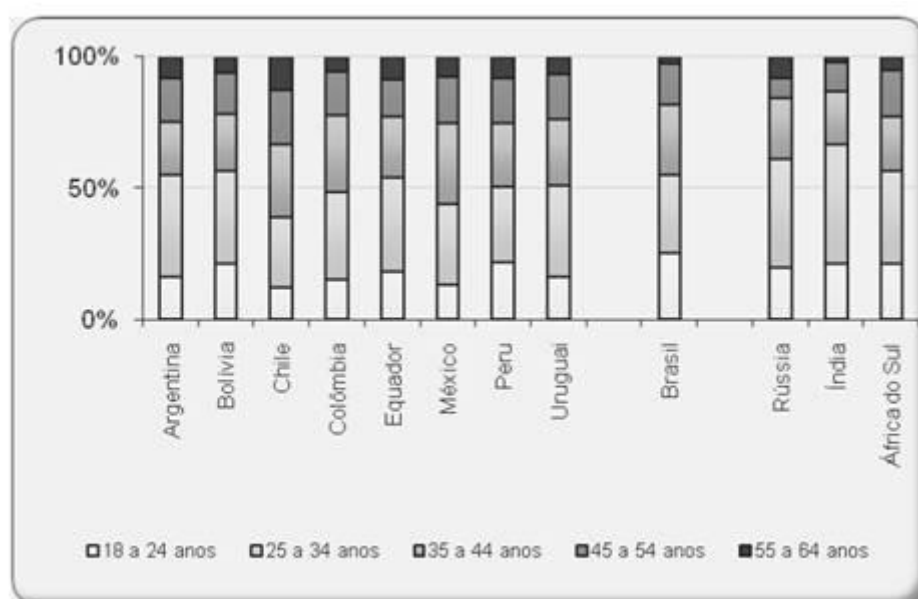


Figura 2 - Empreendedores iniciais nos países da América Latina e BRIS por faixa etária em 2008
Fonte: GEM (2008)

Interessante perceber que países como a Coreia, Japão, Itália e Dinamarca apresentam uma baixa proporção de participação do jovem no empreendedorismo. São países que, pelo seu elevado nível de renda e escolaridade, estrutura de produção estável e tecnologia avançada, estão aumentando o tempo de formação e retardando a entrada no mercado de trabalho.

Em contraposição, segundo o GEM 2008, países como Irã, Jamaica, Brasil e Egito apresentam baixo nível de distribuição de renda, e o jovem é obrigado a entrar cedo no mercado de trabalho para aumentar a renda familiar. Nesses países, encontra-se o jovem empreendedor por necessidade em atividades de baixa produtividade, alocados em atividades de serviços voltados para consumidores.

^[16] BRIC é uma sigla que se refere ao conjunto de países formado pelo Brasil, Rússia, Índia e China pelo destaque no cenário mundial pelo rápido crescimento das suas economias em desenvolvimento.

No Brasil, segundo o GEM 2008, em relação ao jovem, a taxa de empreendedorismo em 2008 foi de 15%, superior à média 2001-2008 (11,9%), representando pouco menos de um terço dos empreendedores brasileiros conforme pode ser verificado na Figura 3.

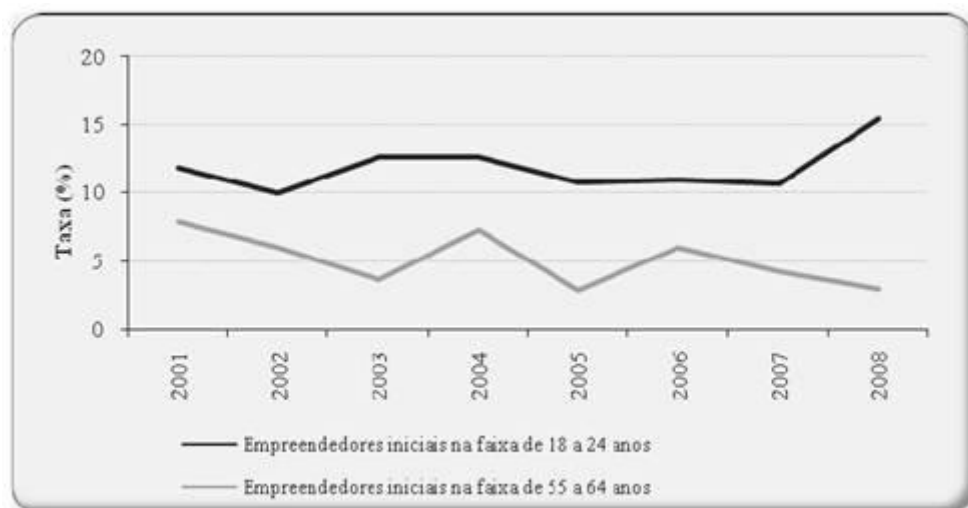


Figura 3 - Evolução comparativa da taxa de empreendedores iniciais por faixa etária de 18 a 24 anos e 55 a 64 anos de 2001 a 2008

Fonte: GEM (2008)

Em relação ao tipo de empreendedorismo, observa-se que o jovem empreendedor por necessidade, em 2008, representou 28% dos empreendedores brasileiros (taxa superior à média no período, que foi de 20,6%). A taxa de adultos que abrem os seus negócios por necessidade é de 6% dos brasileiros. Os jovens empreendedores possuem uma renda concentrada na faixa de 1 a 3 salários mínimos (média no período de 60%) e um nível de escolaridade de 5 a 11 anos (média de 60% no período), com atividades de serviços orientados ao consumidor (70%), seguidas pelo setor de transformação (33%).

Na pesquisa do GEM 2008, o jovem empreendedor por oportunidade corresponde a 29% dos empreendedores brasileiros contra 2% de adultos empreendedores. Esse jovem diferencia-se por possuir uma renda maior (36% até 3 salários mínimos; 34% de 3 a 6 salários) e uma escolaridade maior, sendo que 25% estão cursando ou já terminaram o nível superior. Ambos têm uma alta concentração em atividades de serviços orientados aos consumidores e atividades de transformação, entretanto, os empreendedores por oportunidade iniciam seus negócios com atividades mais especializadas, em função de seu maior nível de qualificação e renda. Os

empreendedores por oportunidade têm uma participação maior em serviços orientados à empresa (19%), uma vez que esse tipo de serviço exige maior nível de qualificação e formação.

O jovem universitário, por exemplo, frente à escassez do trabalho formal, abre seu negócio em serviços especializados, tais como contabilidade, apoio jurídico, apoio de informática etc.

Contudo, a participação da educação na formação empreendedora dos jovens é ainda muito baixa. Segundo o GEM 2008, apesar de o empreendedorismo ser tema de interesse nos âmbitos empresarial, político e acadêmico, em função de sua importância para o desenvolvimento econômico de um país, constata-se que grande parte dos empreendedores nacionais, o equivalente a 90%, não participou de atividades relacionadas à abertura de negócios. A participação da educação pode ser verificada na Tabela 1.

Tabela 1 - Participação em atividades relacionadas à abertura de negócios promovidas por instituições de ensino

Atividades Relacionadas à Abertura de Negócios	Participação (em %)	Motivação em Participação (em %)		
		Opcional	Obrigatório	Ambos
Durante o Ensino Fundamental ou Médio	5,4	4,5	0,9	0,1
Durante o Ensino Superior	22,7	14,4	8,3	-
Promovido por uma Instituição de Ensino Superior (IES), mas que não faça parte da educação formal	29,8	22,7	6,8	-
Durante a Educação Formal	7,0	-	-	-

Fonte: GEM (2008)

A Tabela 1 demonstra que a maioria dos empreendedores que participaram de atividades relacionadas à abertura de negócios, ao longo de sua formação educacional, o fez por opção. Esse cenário, segundo o relatório do GEM 2008, mostra a predominância do ensino tradicional nas instituições educacionais brasileiras, cujas principais características se centram em: orientação para o emprego em grandes empresas; pouca percepção da importância das micro e pequenas empresas (MPEs) na economia como geradoras de empregos e alternativa profissional; distanciamento entre o sistema educacional e os sistemas de suporte, como empresas, associações de classe, órgãos governamentais e de fomento.

Percebe-se, ainda, na Tabela 1, uma maior participação das instituições de Ensino Superior, mas que não faz parte da educação formal do empreendedor. Em relação aos cursos de graduação e sequenciais, existem no país 39.555 cursos de ensino superior, sendo 97,7% de graduação e os restantes 2,3% sequenciais (INEP/MEC, 2009). Do total dos cursos de ensino superior, 3.465 são de administração e suas habilitações (incluindo os de graduação e sequenciais) e 988 são de Engenharia da Computação, Informática e Sistemas de Informação (incluindo os de graduação e sequenciais), que constituem os cursos precursores da educação empreendedora.

Quanto aos cursos específicos à gestão de pequenos negócios e empreendedorismo, totalizam 25 cursos, sendo a maioria presencial (88%). Por outro lado, em função das mudanças ocorridas na política educacional do ensino superior, não poderão mais ser criados cursos de graduação de administração com habilitação em quaisquer áreas, à exceção da habilitação em gestão pública e em gestão hospitalar, desde 2005. Neste caso, a alternativa é inserir atividades empreendedoras na estrutura curricular do curso, a fim de especificar o perfil de egresso.

Os cursos específicos de ensino do empreendedorismo estão concentrados nas regiões Sul e Sudeste do país, locais de maior industrialização e desenvolvimento, que demandam, com mais pressão, um profissional mais empreendedor. Igualmente, grande parte dos empreendedores que se envolveram com algum tipo de atividade empreendedora no curso superior ou em algum momento de sua formação educacional está concentrada nas regiões Sul e Sudeste. No entanto, quando se trata do ensino do empreendedorismo no nível fundamental ou médio, a região Sul se destaca juntamente com o Nordeste.

.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os dados já apresentados e discutidos, o estudo mostrou que o Brasil é o terceiro país do mundo em jovens empreendedores. Além, disso, eles representam, nacionalmente, um contingente muito maior do que de adultos empreendedores.

Percebeu-se, também que, entre o empreendedorismo de necessidade e de oportunidade a diferença é de apenas 1 ponto percentual a favor da oportunidade, demonstrando que quase a metade dos jovens empreendedores brasileiros abre os seus negócios para tentar minimizar as contradições sociais e econômicas às quais estão

submetidos. Sem acesso aos empregos formais, a opção é tentar aventurar-se pelo empreendedorismo.

Contudo, segundo Dolabela (1999), por serem jovens e poucos experientes, e por ainda focarem os seus negócios apenas nas necessidades, eles podem cair em várias armadilhas empresariais para as quais não se preparam ou não foram preparados.

Este artigo chama a atenção para a importância da educação para a formação empreendedora. Observou-se que mais de 90% dos empreendedores brasileiros o fazem sem nenhum apoio educacional, e dentre aqueles que buscam a educação o fazem não enquanto estão estudando, mas quando já estão formados ou quando buscam a inserção no mercado (para aqueles que não estudaram).

Outro fato relevante demonstrado na pesquisa é que entre aqueles que buscaram apoio acadêmico o fizeram por opção, isto é, não foram incentivados pelas suas instituições.

Esse estudo pode contribuir para uma nova visão da educação acerca do seu processo educacional, levando a escola a refletir sobre os seus tradicionais paradigmas pautados na formação de profissionais apenas para alcançarem grandes empregos. Conforme demonstrando, o mercado não mais absorve toda a mão-de-obra gerada e uma das saídas é buscar a formação do empreendedor de oportunidade através da inclusão deste tema nos currículos educacionais.

Desta forma, a educação empreendedora deve iniciar ainda no ensino fundamental, preparando os jovens não apenas para o mercado de trabalho, mas também para atuarem como empreendedores, sabendo vislumbrar novas oportunidades e a minimizar os seus riscos, elevando o nosso país uma nova realidade social e econômica.

O estudo tem como limite o foco apenas nas análises bibliográficas das pesquisas científicas, a nível nacional, há de se considerar as diferenças regionais e locais bem analisar, através de pesquisas diretas, como se dá, na prática, a inserção do jovem empreendedor nestes mercados.

Ficam abertas, entretanto, novas veredas a outros profissionais que pretendam aprofundar no estudo do tema, buscando novos olhares para a formação e inserção do jovem empreendedor no mercado de trabalho e o papel da sociedade e, principalmente, da educação nesta formação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BARRETO, L. P. **Educação para o Empreendedorismo**. Salvador: Escola de Administração de Empresas da Universidade Católica de Salvador, 1998

BARON, A. Robert; SHANE, A. Scott. **Empreendedorismo: uma visão do processo**. São Paulo: Thinson, 2007.

CEPAL/PNUD/OIT. **Emprego, desenvolvimento humano e trabalho decente: a experiência brasileira recente**. Brasília: CEPAL/PNUD/OIT, 2008.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza**. São Paulo: Cultura, 1999.

FILION, Louis Jacques. **Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios**. Revista de Administração. São Paulo, v. 34, nº 2, p. 05-28, abril/junho, 1999.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil 2008**. Curitiba: IBQP, 2010. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/customizado/estudos-e-pesquisas/estudos-pesquisas/empreendedorismo-no-brasil-pesquisa-gem/livro_gem_2008.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Mensal de Empregos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

MEC; INEP; Deaes. **Censo da educação superior**, 2009.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Tendências Mundiais de Emprego**. Genebra, OIT, 2010.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Trabalho Decente e Juventude no Brasil**. Genebra, OIT, 2009.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista brasileira de fisioterapia**. São Carlos, SP, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez & Moraes, 2002.

SHANE, S; VENKATARAMAN, S. **The Promise of entrepreneurship as a Field of Research**. Academy of Management Review, 25: 217-26, 2000.